

Recomeço

Recomeço

CAT PATRICK

TRADUÇÃO DE RACHEL AGAVINO

Copyright © 2012 by Cat Patrick. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

Revived

PREPARAÇÃO

Sheila Louzada

REVISÃO

Suelen Lopes

Marcela Lima

FOTO DA CAPA

© Jessica Neuwerth

ADAPTAÇÃO DA CAPA

Julio Moreira

FOTO DA FOLHA DE ROSTO

© Alfred Borchard / sxc.hu

DIAGRAMAÇÃO

editorfarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P341r

Patrick, Cat

Recomeço / Cat Patrick ; tradução Rachel Agavino.
– 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.
304 p. ; 21 cm.

Tradução de: Revived
ISBN 978-85-8057-475-3

1. Ficção americana. I. Agavino, Rachel. II. Título.

13-07964

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Noah...
*Você está sempre ao meu lado,
segurando minha mão.*

Eu vi um remédio
Capaz de insuflar vida em uma pedra,
Despertar uma rocha e fazer você dançar a canária
Em grande fervor e celeridade; seu simples toque
Teria o poder de levantar o rei Pepino, e mais que isso,
De fazer o grande Carlos Magno empunhar uma pena
E lhe escrever um verso de amor.

WILLIAM SHAKESPEARE, *TUDO BEM QUANDO TERMINA BEM*

Estou estirada no chão, debatendo-me na pista de corrida aquecida pelo sol, ao lado do campo de futebol americano. Parecia feita de asfalto, mas agora, deitada aqui, percebo que, na verdade, é uma imitação esponjosa. Tem um cheiro forte, como se fosse recém-instalada. Há uma mulher ajoelhada junto ao meu ombro direito, gritando ao celular:

— O nome dela é Daisy... hum... — Ela inspira com força. — Não sei o sobrenome!

Por uma fração de segundo, também não sei.

— Appleby — berra outra professora.

— Appleby — repete a mulher para o atendente do serviço de emergência. — Parece que ela está tendo uma reação alérgica.

Abelha, tento falar, mas não consigo respirar. A palavra não sai.

Meus braços e minhas pernas em espasmos parecem cobras venenosas para os alunos que formam um círculo à minha volta: eles pulam para trás, assustados. Arquejo desesperadamente, mas só consigo inspirar uma mísera porção de ar. Sei que não tenho muito tempo.

Quando a professora de educação física nos mandou correr na pista externa a fim de nos aquecermos para o jogo de vôlei, a

ideia de ficar ao ar livre me deixou animada. Talvez meu rosto ficasse um pouco mais corado. Mas então uma ameaça preta e amarela veio zunindo para perto de mim e ainda achou que seria uma boa ideia convidar algumas amigas. Apertei o número um da discagem rápida no instante em que senti a familiar ferroadá; só espero que Mason chegue a tempo.

Uma onda de tranquilidade percorre meu corpo: não vai demorar muito agora. Tudo, da cabeça aos dedos dos pés, relaxa. Quando o risco de levar um chute desaparece, o círculo de curiosos volta a se formar. Meus olhos percorrem cada rosto acima de mim. São todos estranhos; comecei o ensino médio ontem, e nenhum conhecido do ensino fundamental faz a aula de educação física.

A maioria das pessoas está com cara de apavorada. Algumas garotas estão chorando. O diretor chega e tenta controlar a multidão de alunos, mas a excitação da desgraça alheia parece exercer uma atração magnética sobre eles.

— Afastem-se — grita ele. — Deixem os paramédicos passarem!

Mas ninguém presta atenção. Ninguém se afasta. Em vez disso, sem perceber, as pessoas formam um bloqueio entre mim e a ajuda.

Encontro os olhos de uma garota negra bonita cujo armário fica perto do meu. Ela parece amigável o bastante para ser a última pessoa que verei. Não está chorando, mas a expressão em seu rosto é de pura agonia. Talvez nos tornássemos amigas.

Olho fixamente para ela, que me observa até minhas pálpebras se fecharem.

A multidão prende o ar.

— Ah, meu Deus!

— Façam alguma coisa!

— Ajudem! — implora a voz de um garoto.

Ouço sirenes se aproximando. Pés calçados de tênis se afastam de mim às pressas, provavelmente abrindo caminho para os paramédicos. Será que são Mason e Cassie ou paramédicos de verdade?

Meus braços ficam completamente inertes.

— Daisy, aguenta firme! — grita uma garota.

Gosto de pensar que foi minha quase amiga, mas não abro os olhos para conferir. Em vez disso, minha mente fica em branco. Os sons perdem a clareza. O mundo se reduz a nada e, antes que eu possa ter outro pensamento,

já estou morta.

— Pegou tudo? — sussurra Mason na escuridão, enquanto andamos depressa até o utilitário à nossa espera.

É madrugada em Frozen Hills, Michigan, e em poucos minutos partiremos para a próxima cidade.

— Sim — respondo, certa de que não deixei nada para trás, além de móveis e roupas fora de moda; já passei por isso antes, conheço o processo.

— Pode deixar que eu levo isso — diz Mason, apontando para a mala que arrasto pelo caminho de pedra.

Aceito porque o procedimento me deixou um pouco zozza. Ainda não voltei ao normal. Mason pega a mala, e o que pareciam tijolos para mim se reduz a penas em suas mãos. Ele a joga em cima de outras e fecha o porta-malas do carro silenciosamente.

Sento-me no banco traseiro. Cassie se vira por um momento e olha para mim do banco do carona, depois volta a se concentrar em seu trabalho. Ela ainda está usando um uniforme falso de paramédico, mas jogou um casaco cinza-claro por cima. O cabelo louro-avermelhado está preso em um rabo de cavalo firme e eficiente. Ela ajeita os óculos de aro fino, que a fazem parecer mais velha, empurrando-os para cima

do nariz enquanto lê em seu supercomputador disfarçado de smartphone.

Observo Mason entrar mais uma vez para a inspeção final e fico admirando o exterior da casa na qual me acostumei a morar durante os últimos três anos. É uma casa de dois andares, feita de tijolos vermelhos com venezianas pretas, construída na época em que ainda se usava telégrafo; vou sentir falta de seus rangidos e sua personalidade. A poucos minutos de deixá-la para sempre, percebo que talvez essa casa tenha sido a minha favorita. Se bem que a próxima pode ser ainda melhor.

Começo a pensar em como vou decorar meu quarto novo até que vejo faróis se aproximando. Fico animada quando um sedã preto encosta e dois homens de preto saltam de dentro dele; é sempre meio eletrizante ver a equipe de limpeza chegar. Embora eles provavelmente nunca tenham estado aqui, passam pelo portão baixo de ferro preto e sobem os degraus da entrada sem hesitar. Mason sai bem na hora em que um dos agentes estende a mão para a maçaneta. Eles se cruzam sem falar nada, cumprimentando-se apenas com um rápido aceno de cabeça.

Vejo a porta se fechar atrás dos agentes. Como uma coruja caçando na noite, arregalo os olhos em busca de movimento dentro da casa, mas as janelas continuam escuras; a noite, silenciosa. A menos que sejam flagrados entrando, não se tem como saber que estão lá. Discretos como ninjas e usando casacos de *fleece* e calças pretos, eles apagarão todos os vestígios de minha família falsa, deixando a casa tão genuinamente vazia que o corretor que vier vendê-la não suspeitará, nem por um minuto, que ninguém além de um jovem casal amigável e sua malfadada filha adolescente moraram ali.

Depois de pôr a casa em ordem, a equipe vai se infiltrar na vizinhança pelo tempo que for necessário para acalmar os ânimos, espalhando boatos sobre a triste família que voltou

para o Arizona ou a Geórgia ou o Maine a fim de superar a perda. Os boatos sempre começam com o cara de rosto comum no posto de gasolina ou a jovem tímida usando o computador na biblioteca.

Os agentes — os *discípulos* — são treinados como médicos, cientistas, detetives e guarda-costas, mas sempre achei que a maioria também poderia fazer carreira em Hollywood.

Mason, em seu papel recorrente de pai devotado, enfim se acomoda no banco do motorista. Está usando uma calça jeans gasta, mocassins e um suéter marrom confortável. Com seus olhos verdes cansados e o cabelo escuro (já com alguns fios brancos) despenteado, ele se encaixa perfeitamente no papel que vem representando há onze anos.

— Para onde vamos? — pergunta ele a Cassie.

Ela responde com seu carregado sotaque sulista sem tirar os olhos do computador minúsculo:

— Omaha, no Nebraska.

Mason assente e engata a ré. Olho mais uma vez para minha antiga casa, em busca de sinais da presença de agentes do governo lá dentro, em vão. Então expiro profundamente, deixando para trás este dia e esta cidade, e ponho um travesseiro entre minha cabeça e o vidro frio da janela. No momento em que saímos da garagem e pegamos a rua, já estou dormindo.

Quando abro os olhos, está claro lá fora. Muito claro. Do tipo que me faz ter vontade de jogar uma pedra no sol. Estou com torcicolo e um gosto horrível na boca. Olho para Mason pelo retrovisor; ele sente que está sendo observado e diz:

— Bom dia.

Como está usando óculos escuros, não sei se ele está olhando para mim ou para a estrada.

— Oi — murmuro.

— Como se sente? — pergunta ele.

— Dor de cabeça.

— Isso é normal.

— Eu sei.

— Água? — oferece Cassie, me estendendo uma garrafa sem olhar na minha direção.

Pego a garrafa e tomo metade em dois segundos, em seguida olho pela janela, para a paisagem irreconhecível que passa zunindo a cento e vinte quilômetros por hora.

— Onde estamos? — pergunto.

— Illinois — responde Mason.

— ILLINOIS?!

Cassie tem um leve sobressalto, mas não olha para mim. Respiro fundo, o que por alguma razão me faz bocejar alto. Esfrego os olhos para espantar o sono e, em um tom mais moderado, pergunto:

— Por quanto tempo eu dormi?

Mason olha rapidamente para Cassie e então confere o relógio de pulso.

— Eu diria que umas oito horas — diz ele, em tom tão casual como se estivesse comentando sobre o tempo.

— Oito horas? Como é possível?

— Eles adicionaram um calmante... para minimizar os efeitos colaterais — explica Mason.

Assinto, ainda um pouco tonta.

— Talvez deversem diminuir a dose. A menos que estejam planejando me nocautear.

— Vou informar isso — diz Cassie, os olhos cravados na telinha do telefone.

Entre nós, ela pode assumir sua personalidade de robô viciado em trabalho.

— Qual será nosso novo sobrenome? — pergunto.

Toda vez que nos mudamos, ganhamos um sobrenome novo. Os nomes continuam os mesmos, para evitar confusão.

— West — responde Mason.

— Hum... — murmuro, experimentando mentalmente meu novo sobrenome.

Daisy West. Muito mais legal que Daisy Johnson, de Palm-dale, mas talvez meigo demais. Embora nem de longe tão ruim quanto Daisy Diamond, meu nome em Ridgeland.

— Acho que o melhor até hoje foi Appleby — concluo em voz alta.

— Você só estava acostumada — retruca Mason. — West é um bom nome.

Dando de ombros, começo a pensar em como passar o tempo.

— Queria que pudéssemos ir de avião — resmungo para mim mesma, mas Mason escuta.

— Seria bom mesmo — concorda ele.

Infelizmente, nosso quarto passageiro, Recomeço — o composto ultrassecreto que traz os mortos de volta à vida — torna isso impossível. O medicamento é precioso demais para ser despachado e muito secreto para embarcarmos com ele como bagagem de mão. Então, sempre que nos mudamos, temos que ir de carro; e toda vez que viajamos de carro, não tenho muito o que fazer para me distrair. Queria poder ler, mas fico enjoada, e, como fomos embora muito de repente, meu iPod está descarregado. Por fim, começo a contar as placas de quilometragem até estar a ponto de fazer xixi nas calças. Peço a Mason para parar em um posto de gasolina e, como já é quase meio-dia, aproveitamos para almoçar na lanchonete de lá também.

Depois de uma ida ao banheiro — surpreendentemente inofensivo —, vou ao encontro de Mason e Cassie, sentados a uma mesa nos fundos do lugar. Eles estão um de frente para o ou-

tro, em silêncio, parecendo típicos marido e mulher. Em uma fração de segundo, tomo minha decisão e me sento ao lado de Cassie, escolhendo fingir ser a garotinha da mamãe. Ela olha para mim e abre um sorriso caloroso.

Estamos em público agora, então ela parece humana.

— Você é a cara da sua mãe — diz a garçonete quando vem anotar nossos pedidos.

Já ouvimos isso antes, mas a comparação não é verdadeira. O cabelo louro de Cassie é liso e tem várias mechas avermelhadas, ao passo que o meu é ondulado e tão mais escuro que é praticamente castanho-claro. Os olhos de Cassie são redondos e azul-escuros como o oceano, enquanto os meus são mais claros que o céu ao meio-dia, além de um pouco afastados e amendoados. Ela tem quase um metro e oitenta de altura, e eu não chego a um e setenta. Ela é cheia de curvas; e eu preciso comprar calça jeans na seção masculina.

Mas o que torna esse comentário ainda mais absurdo é que Cassie é apenas treze anos mais velha que eu.

Ainda assim, entramos no jogo.

— Obrigada! — diz Cassie, levando a mão ao peito como se estivesse muito lisonjeada.

— Hum... é, valeu — resmungo, torcendo para parecer uma adolescente comum que não faz questão de ser parecida com a mãe.

Na verdade, tirando o fato de ela mal ter personalidade, Cassie é bonita. Gosto que as pessoas digam que me pareço com ela.

— De nada — responde OI, MEU NOME É BESS. — Então, o que vão querer?

Peço um hambúrguer vegetariano e um milk-shake de chocolate. Mason pede café e omelete à espanhola. E Cassie pede ovos cozidos, torrada integral e fatias de melão.

Bess anota tudo em seu bloquinho e se afasta. Então, quase rápido demais para ter sido preparada após os pedidos, a comida chega nos braços estendidos da garçonete. Ela rapidamente serve os pratos, enche xícaras de café e pega sachês de ketchup do bolso do avental.

— Desejam mais alguma coisa? — pergunta.

Nós três balançamos a cabeça em negativa, e ela se afasta.

Comemos em silêncio. Engulo meu almoço como se nunca tivesse visto comida na vida e me pergunto se, além do calmanete, os cientistas do laboratório principal também acrescentaram ao Recomeço alguma substância para acelerar o metabolismo. Sei que é bobagem, então não pergunto nada a Mason. Mas não posso deixar de notar que os pratos dele e de Cassie ainda estão pela metade enquanto no meu praticamente só restam migalhas.

— Por que Omaha? — pergunto a Mason no momento em que ele enfia na boca um pedaço de omelete.

Vejo sua mandíbula se mexer enquanto ele mastiga devagar e deliberadamente. Depois de engolir, ele responde:

— É uma das cidades preferidas dele.

Mason está se referindo ao mentor do projeto Recomeço. Praticamente invisível e à frente de um programa que revive os mortos, ele ganhou o apelido de Deus.

— Por quê?

— Porque é discreta, imagino. Nem pequena nem grande demais. Quase não aparece nos noticiários. Amigável. Recentemente revitalizada. Sabe o que isso significa, não sabe?

Reviro os olhos em resposta.

— Então, de modo geral, seria um bom disfarce. Desde que...

— O quê? — pergunto.

Mason observa as mesas à nossa volta e depois responde em voz baixa:

— Desde que não aconteçam mais *incidentes*.

— Não foi de propósito, você sabe — digo baixinho.

— Nunca é — retruca Mason, me encarando. — Mas você não estava com a sua injeção de epinefrina.

— Esqueci em casa — falo depressa.

É mentira.

Na verdade, perdi tanto tempo decidindo o que vestir que me sobraram apenas cinco minutos para arrumar o cabelo de um jeito que pelo menos parecesse estiloso. Saí correndo para a escola e só meio quarteirão depois me lembrei da injeção que poderia ter salvado minha vida. Eu não estava tão atrasada a ponto de não poder voltar para buscá-la, mas por algum motivo não voltei.

Mason foi treinado para saber quando as pessoas estão mentindo e estreita os olhos para mim. Imagino que Cassie esteja fazendo o mesmo, mas não olho na direção dela para conferir. Por um momento acho que Mason vai me confrontar, mas por sorte ele muda de assunto.

— Daisy, acho que você deveria saber que quase não conseguimos trazê-la de volta dessa vez — diz ele, tão baixinho que as palavras parecem estar sendo sopradas.

Seu jeito direto não me intimida, estou acostumada — Mason me trata como uma agente, não como filha —, mas fico surpresa com a ideia da morte definitiva.

— O medicamento estava ruim?

— Não, estava normal. Foi... você.

— Ele quase declarou a hora da morte — intervém Cassie. Chocada, olho para ela, depois de volta para Mason.

— Sério?

— Foi muito estressante — diz Mason.

Algo parecido com preocupação lampeja rapidamente em seus olhos verdes e então desaparece. Penso por um instante, logo chegando ao que considero uma conclusão bastante racional:

— Mas deu tudo certo no fim, então está tudo bem.

— Mas talvez não haja uma próxima vez — insiste ele. — Estou apenas pedindo para que tome cuidado. Lembra o que aconteceu com Chase?

Sinto um embrulho no estômago com essa recordação: sete anos depois do acidente de ônibus que deu início a tudo isto, Chase Rogers morreu de novo, subitamente. Foi reanimado várias vezes, mas — pelo que Mason me disse — seu organismo parecia ter desenvolvido resistência ao medicamento. Então, morreu de verdade.

— Não sou como ele — digo baixinho.

Bess traz a conta, e por isso ficamos em silêncio por alguns minutos.

— Não sou como ele — repito quando a garçonete se afasta de novo.

Mason olha bem no fundo dos meus olhos.

— Espero que não. Apenas tome mais cuidado, está bem?

— Ok — concordo.

Outra família é conduzida para a mesa bem atrás da nossa, então a conversa termina, pelo menos por enquanto.

— Minhas lindas mulheres já terminaram? — pergunta Mason, erguendo a voz para que os outros escutem.

A mãe na mesa atrás de nós suspira. Mason sabe ser encantador quando quer.

Baixo os olhos para o meu prato, onde só sobraram as partes de que não gosto: cebolas cruas, alface murcha e um pedaço de picles.

— Hum... já — falo, com minha melhor imitação de voz de adolescente entediada.

— Com certeza — diz Cassie, dando um tapinha em sua barriga reta. — Estou empanturrada.

— Ótimo — diz Mason. — Então vamos nessa.

Seguimos até o balcão. Enquanto esperamos que Mason pague a conta, Cassie ajeita uma mecha rebelde do meu cabelo

comprido, daquele jeito automático e distraído que as mães fazem. Ela me olha com amor. Eu reviro os olhos e afasto sua mão.

Depois de Mason deixar cinco dólares de gorjeta para Bess na mesa, ele abre a porta da lanchonete, fazendo um sininho tocar, e a segura para sua esposa e filha passarem. No estacionamento, enquanto os outros ainda podem nos ver, cravo os olhos no chão e sigo três passos atrás de meus pais, que caminham de mãos dadas, e Cassie solta uma risada alta.

Então entramos no carro e partimos.